INTELECTUAIS DA ÁFRICA E DA DIÁSPORA AFRICANA

Flavio Thales Ribeiro Francisco
Email: flavio.thales@ufabc.edu,br

- 1 – Por que os europeus não iniciaram a expansão de seus domínios sobre o continente africano a partir do século XVI? Qual a importância dos Reinos africanos neste contexto?
- 2 – No processo de disseminação da imagem da África enquanto um espaço de atraso cultural ou da barbárie, as narrativas coloniais tenderam a tratar a colonização como algo positivo para os africanos, entretanto a institucionalização das colônias foi marcada por conflitos. Comente a reação dos povos africanos à definição das fronteiras coloniais no continente africano.
- 3 – Como surge o pan-africanismo e o movimento contribui para a organização de ações anticoloniais?
- 4 – Qual importância da adesão dos países africanos ao terceiro mundismo?

Reapropriação do conhecimento

- Ao longo dos séculos XIX-XX, durante os períodos da colonização europeia, descolonização e reorganização das sociedades africanas, **os intelectuais nascidos na África apropriaram-se de um vasto conjunto de referenciais teóricos, conceituais e metodológicos,** empregando-os para expressar a posição de seus coetâneos em relação ao mundo.
- Paralelamente aos saberes orais, tradicionais, e à experiência vivida que orientavam as formas de organização sociocultural dos povos anteriores ao período de predomínio europeu**, ganhou corpo um novo tipo de saberes, eruditos, fundados em pressupostos acadêmicos**, científicos, que deu sustentação ao que se tem denominado de pensamento social africano.

Pós-colonialismo

- O pós-colonialismo é um campo de estudo que explora as consequências sociais, culturais, políticas e econômicas do colonialismo e do imperialismo, focando na experiência de sociedades que foram colonizadas. Ele analisa como o legado colonial continua a influenciar as identidades, as estruturas de poder e as relações globais. O objetivo é entender e questionar as narrativas hegemônicas impostas pelas potências coloniais e promover uma crítica às formas de conhecimento que perpetuam desigualdades.
- Teóricos pós-coloniais, como Edward Said, Gayatri Spivak e Homi Bhabha, introduziram conceitos fundamentais. Said, em *Orientalismo*, discute como o Ocidente criou imagens estereotipadas do Oriente para justificar a dominação. Spivak questiona a representação das vozes subalternas, especialmente das mulheres marginalizadas. Bhabha analisa a "hibridização cultural" e a ambivalência no contexto colonial, revelando como identidades coloniais são complexas e multifacetadas
- .
- O pós-colonialismo também aborda a desconstrução da narrativa colonial e a revalorização de histórias e culturas locais, destacando a necessidade de novas formas de resistência e representação.



Gayatri Spivak



Dipesh Chakrabarty



Edward Said

Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference

- Provincializar a Europa não significa negar sua importância histórica, rejeitar o pensamento europeu ou substituir o eurocentrismo por uma valorização exclusiva das culturas locais.
- Significa, antes, retirar a Europa da posição de centro universal da história humana, tratando-a como uma experiência histórica particular, com suas próprias condições, limites e contradições.
- Chakrabarty critica as narrativas que interpretam a história das sociedades asiáticas, africanas e latino-americanas como uma trajetória incompleta em direção a um modelo de modernidade previamente estabelecido pela Europa.
- Nessa perspectiva eurocêntrica, a Europa teria experimentado primeiro a modernidade, enquanto as demais sociedades estariam atrasadas ou ainda precisariam percorrer as mesmas etapas históricas.
- Para Chakrabarty, essa interpretação transforma a história europeia em uma espécie de roteiro universal e reduz a diversidade das experiências históricas a diferentes posições em uma única escala de desenvolvimento

Subalterno sobre Spivak

- O conceito de subalterno remete originalmente ao historiador marxista italiano Antonio Gramsci e foi posteriormente desenvolvido pelos estudos subalternos do sul da Ásia.
- Para Spivak, o termo não designa simplesmente qualquer pessoa pobre ou oprimida. Refere-se, sobretudo, a grupos excluídos dos circuitos dominantes de poder, representação política e produção do conhecimento, cuja possibilidade de fazer suas reivindicações serem reconhecidas é estruturalmente limitada.
- Nesse sentido, os subalternos podem incluir populações colonizadas, camponeses, grupos marginalizados e, particularmente na análise de Spivak, mulheres submetidas simultaneamente a estruturas coloniais e patriarcais.
- O ponto central é que estar em condições de falar não significa necessariamente ter condições de ser ouvido, compreendido ou reconhecido como sujeito político.

Influência do debate da diáspora negra

- Leitores de destacados escritores negros de orientação protestante do século XIX, como Samuel Ajayi Crowther (1809-1891), Alexander Krummel (1819-1898) ou críticos dela como Edward Wilmot Blynden (1832-1912), e de afro-americanos das primeiras décadas do século XX, principalmente W. E. B. Dubois (1868-1963) e Marcus Garvey (1887-1940), **os intelectuais africanos tomaram consciência de sua responsabilidade social no processo diaspórico desencadeado pela condição colonial.**

Influência do debate da diáspora negra

- Daí a identificação de jovens universitários, como Kwame Nkrumah (1909-1972) na Inglaterra, Léopold Sédar Senghor (1906-2001), Cheikh Anta Diop (1923-1986), Joseph Ki-Zerbo (1922-2006) e tantos outros, na França, com o ideário do Pan-africanismo e as orientações culturais e estéticas de valorização da “África negra” — expressas de modo mais elaborado no movimento da “Negritude”

Origens sociológicas dos intelectuais

- As classes intelectuais se originaram de elites negras africanas, americanas e caribenhas que ocuparam a função de intermediadoras com as forças coloniais e os grupos raciais no topo da hierarquia.
- Grande parte dos membros dessas elites negras foram educadas em missões religiosas, assimilando o conhecimento eurocêntrico.

William DuBois

- Dubois **está entre os primeiros intelectuais negros formados num conhecimento Ocidental que desafiou criticamente os projetos coloniais e as hierarquias raciais.** O pensador afro-americano, principalmente no campo da História, **questionou o excepcionalismo dos europeus e, consequentemente, as singularidades positivas da sociedade norte-americana.**



William DuBois

- DuBois se engaja em uma escrita da **história que desafia as narrativas que afirmam a inferioridade de negros**, sejam como seres infantilizados ou como seres extremamente violentos.
- O intelectual chamou atenção para o fato de que o grande desafio do pós-abolição não era somente as **práticas discriminatórias, mas o conhecimento concebido nas universidades que as legitimavam.**
- Em um primeiro momento, **influenciado por Alexander Crummel,** DuBois reforçou a ideia de que era necessário a formação de uma elite negra capaz de salvar as massas que não eram capazes de compreender as “regras do jogo”no período pós-abolição.

Mudanças no pensamento de DuBois

- A partir da Grande Migração e da Revolução Russa, o intelectual passou a considerar a força das massas para mobilização política e mudanças sociais profundas. Ele escreve sobre o abolicionismo radical de **John Brown**.
- Neste contexto, ele faz uma crítica contundente a uma pequena burguesia negra intelectualizada incapaz de compreender as experiências das classes populares. **Era necessário entender o papel dos trabalhadores afro-americanos no capitalismo norte-americano. A pequena burguesia negra estava tão preocupada com a inclusão que era incapaz de entender a estrutura social norte-americana**.
- Os negros trabalhadores da escravidão não surgem de **uma sociedade semi-feudal, mas têm um papel marginal em um dos estágios de desenvolvimento do capitalismo**. Escravidão não é anômala em relação ao capitalismo, ela faz parte dele.
- A democracia nos Estados Unidos é construído em uma base escravocrata, o que inviabiliza qualquer movimento emancipatório das classes populares.

Cyril James

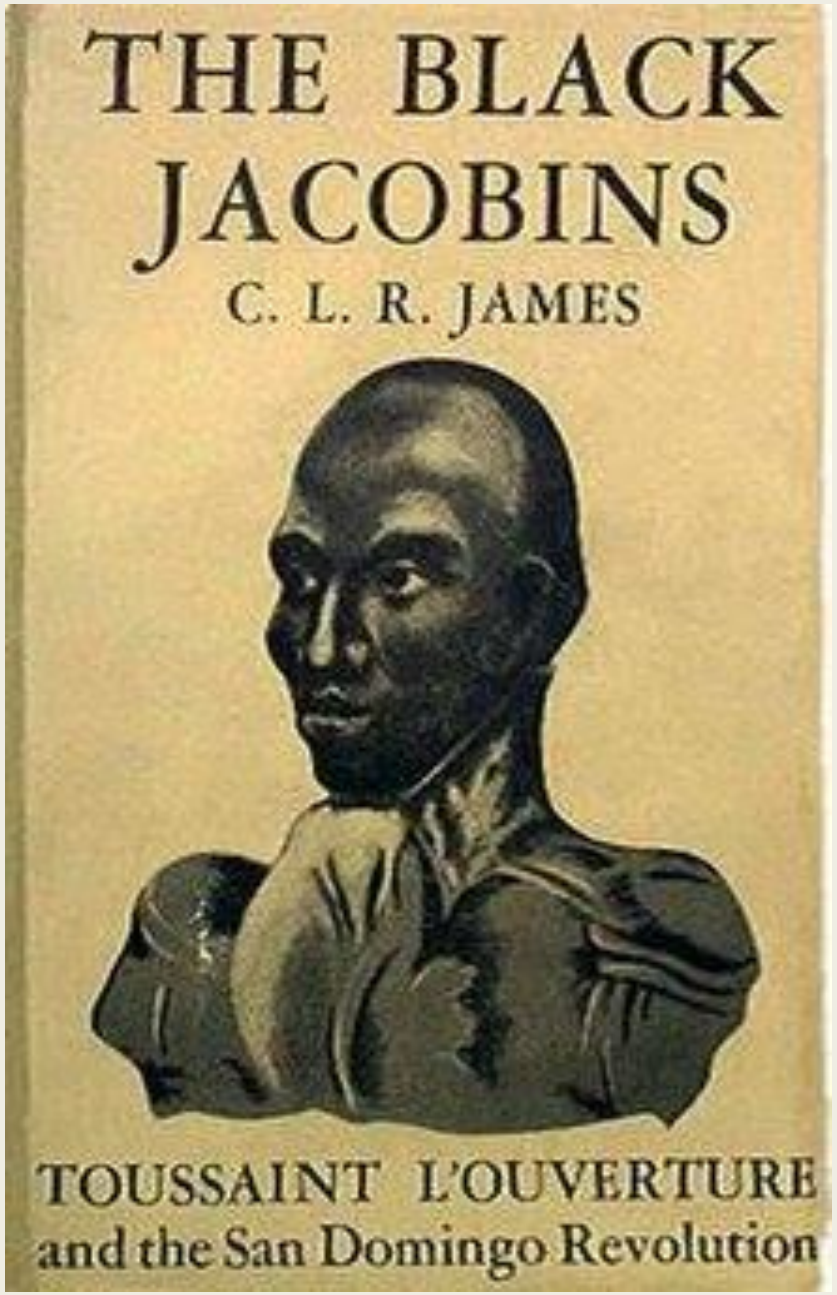


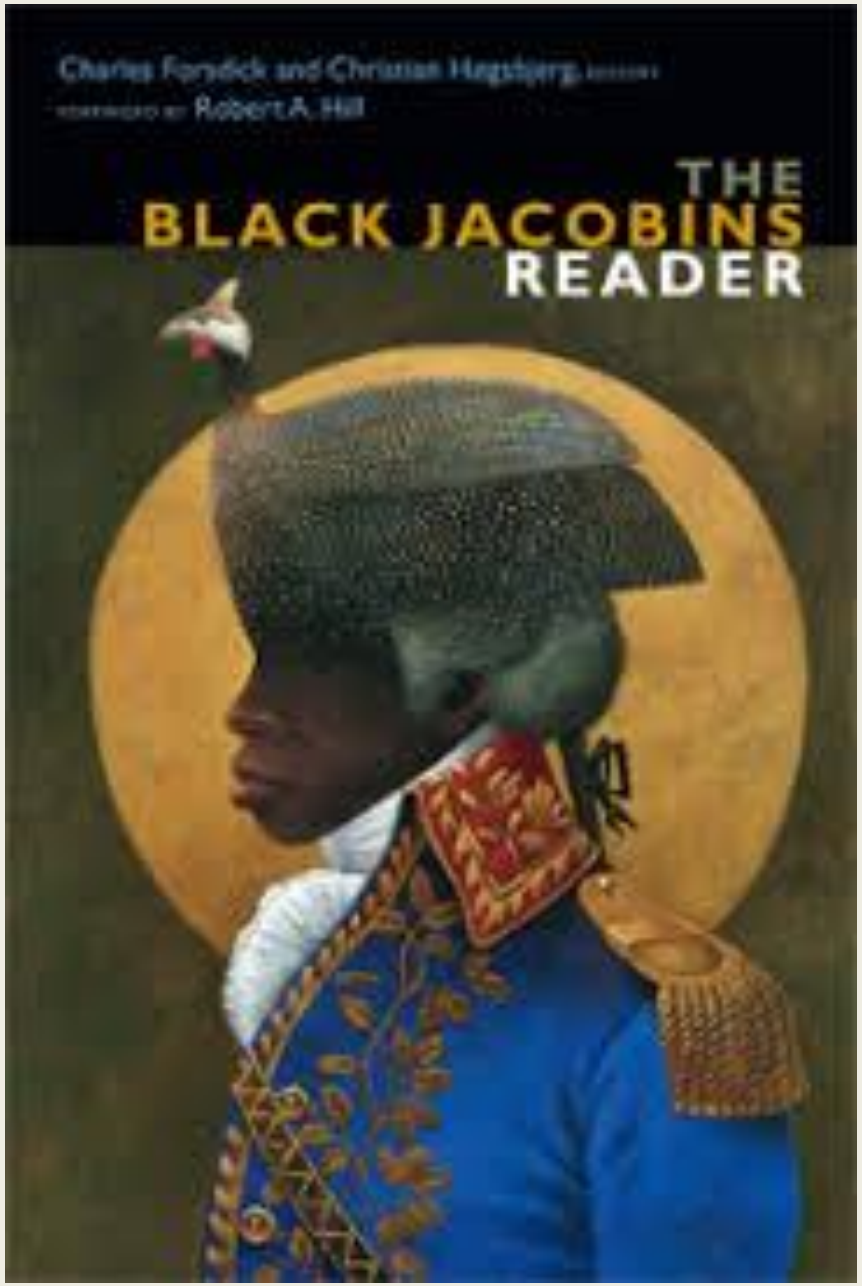
C. R. L. James

- Trinidade e Tobago (1901-89). Historiador afro-trinidadiano, jornalista, teórico marxista e ensaísta, Cyril Lionel Robert James influenciou e foi percursor de alguma literatura pós-colonial. Nascido sob o jugo colonial do império britânico, após concluir os estudos, torna-se professor do ensino secundário onde viria a ensinar ao então jovem Eric Williams, futuro primeiro primeiro-ministro do país.
- Por essa altura começa a sua forte politização que o irá aproximar de círculos oposicionistas tornando-se membro do anti-colonialista *Beacon Group*, que junta diversos escritores na *The Beacon Magazine.*
- **Contratado para escrever a biografia de um jogador de criquete, James ganha o seu "passaporte" para Inglaterra onde inicia uma colaboração com o *The Guardian* e estreita contactos com as correntes marxistas da época (inscreve-se no Partido Trabalhista, na sua facção trotsquista**). Dá a conhecer a sua faceta literária, nomeadamente com uma peça de teatro sobre o líder revolucionário do Haiti, Toussaint L'Ouverture, que é representada no West End em 1936. Dá à estampa o seu o único romance, *Minty Alley,* o primeiro a ser publicado por um autor negro caribenho no Reino Unido.

C. R. L. James

- Além da literatura, James, muitas vezes sob pseudónimo de J.R. Jhonson, assina diversas obras de cariz político e histórico, como são exemplos maiores, respectivamente, *World Revolution* (1937) e *Haitian Revolution* (1938). Em 1938 parte para os Estados Unidos a convite do partido trotsquista, *Socialist Worker`s Party*, onde acaba por permanecer cerca de quinze anos abandonando progressivamente as teses da quarta internacional e suas organizações para se **aproximar dos autonomistas marxistas, reproduzindo estas influências na sua produção teórica que revela abordagens menos dependentes da dicotomia gerada pela Guerra Fria.**
- Deportado dos E.U.A. por falta de visto, regressa a Trinidade (1953), onde se dedica à militância independentista, nomeadamente no órgão do partido *People's National Movement,* o *The Nation* e à divulgação do panafricanismo. No fim da vida regressa a Inglaterra onde é galardoado, em Brixton, com o *Honorary Doctorate* pelo *South Bank Polytechnic* pelo trabalho sócio-político realizado sobre a relação entre *raça e o desporto.*


THE BLACK JACOBINS
C. L. R. JAMES
TOUSSAINT L'OUVERTURE
and the San Domingo Revolution


Charles Forsdick and Christian Høgsbjerg
Robert A. Hill
THE
BLACK JACOBINS
READER

Jacobinos Negros

- Durante o período de agitação pré-colonial, James, diferentemente de George Padmore e outras lideranças, **acreditava que as massas populares tinham condições de fazer as revoluções anti-coloniais no continente africano.** Não era necessário que lideranças intelectuais dessem o primeiro passo, os populares sabiam o caminho necessário para a descolonização.
- Em Black Jacobins, James subverte a teoria marxista, afirmando que **não era necessário um estágio de formação de uma classe operária para a revolução**. Na periferia do capitalismo o protagonismo seria dos escravizados. A revolução do Haiti foi um exemplo.
- Na França a Revolução Francesa surgiu como um explosão popular.
- James criticava os seus colegas e demonstrava que havia uma limitação dos intelectuais e lideranças negras que não poderiam controlar todo o processo revolucionário.

Walter Rodney

- Walter Rodney (1942-1980) foi um renomado historiador, acadêmico, autor e ativista político da Guiana. Ele é amplamente reconhecido por suas contribuições à história africana, à crítica do colonialismo e imperialismo, e ao pensamento revolucionário no contexto das lutas de libertação africanas e caribenhas.
- Formação e Carreira
- Rodney estudou na Universidade das Índias Ocidentais (University of the West Indies) e concluiu seu doutorado em História Africana na Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS) da Universidade de Londres. Sua tese abordou a escravidão na África Oriental, o que preparou o terreno para sua carreira acadêmica, voltada para a desconstrução das narrativas coloniais sobre o continente africano.





Como a Europa subdesenvolveu a África

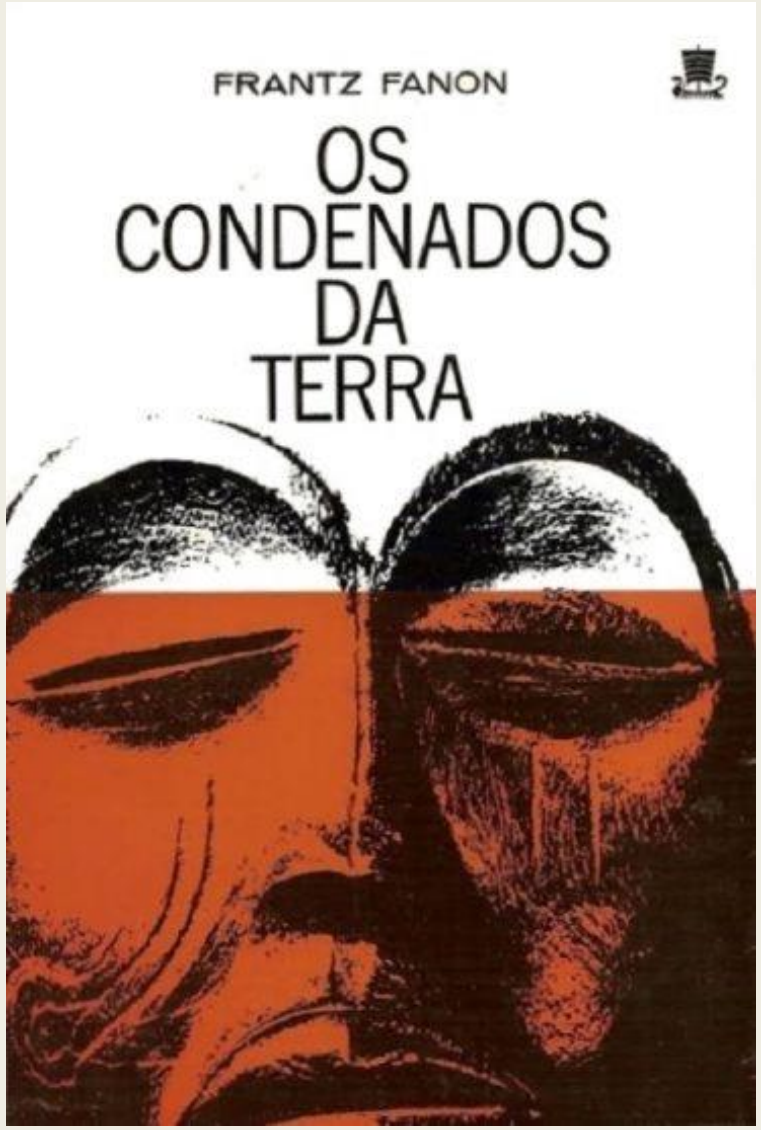
- A obra mais famosa de Walter Rodney é *How Europe Underdeveloped Africa* ("Como a Europa Subdesenvolveu a África"), publicada em 1972. Neste livro, Rodney argumenta que o subdesenvolvimento da África não foi um estado natural, mas um resultado direto da exploração colonial europeia e do capitalismo global. Ele detalha como a colonização interrompeu as estruturas sociais, políticas e econômicas da África, promovendo o subdesenvolvimento contínuo e beneficiando as potências europeias.
- Outro aspecto importante do livro é a crítica à dependência neocolonial, destacando como as antigas colônias continuaram a ser dominadas economicamente por potências externas, mesmo após a independência formal. Rodney também enfatizou a importância da auto-determinação africana e do controle sobre os recursos naturais.

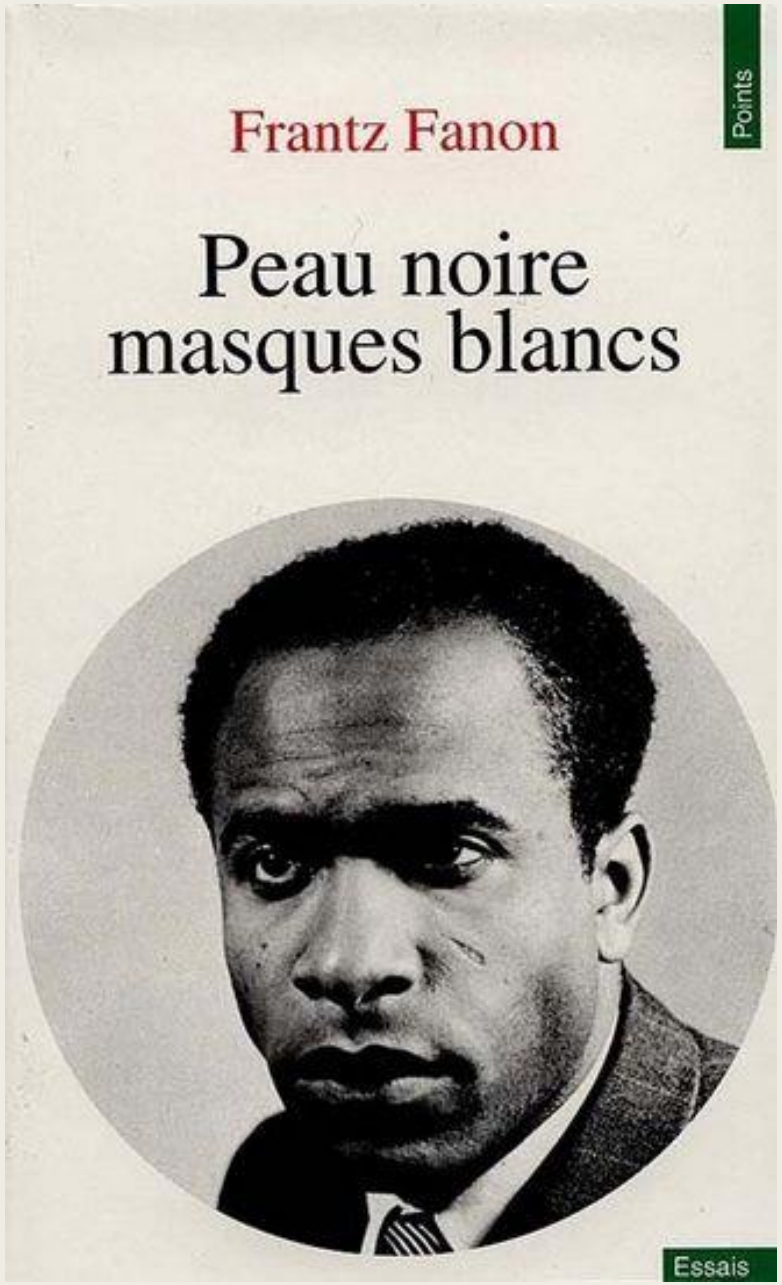


Frantz Fanon

- Frantz Omar Fanon (Fort-de-France, Martinica, 20 de julho de 1925 – Bethesda, Maryland, 6 de dezembro de 1961) foi um psiquiatra, filósofo e ensaísta marxista francês da Martinica, de ascendência francesa e africana. Fortemente envolvido na luta pela independência da Argélia, foi também um influente pensador do século XX sobre os temas da descolonização e da psicopatologia da colonização.

- Suas obras foram inspiradas em mais de quatro décadas de movimentos de libertação anticoloniais. **Analisou as consequências psicológicas da colonização, tanto para o colonizador quanto para o colonizado**, e o processo de descolonização, considerando seus aspectos sociológicos, filosóficos e psiquiátricos.


FRANTZ FANON
OS CONDENADOS DA TERRA


Frantz Fanon
Points
Peau noire masques blancs
Essais

Pele negra, máscara branca

- Frantz Fanon argumenta que o racismo não se limita à discriminação externa: ele também afeta a maneira como as pessoas negras percebem a si mesmas e se relacionam com o mundo.
- Máscaras brancas: representam a tentativa de se aproximar dos padrões, da linguagem e dos valores da sociedade branca para obter aceitação.
- Pele negra: evidencia a identidade racial que, em uma sociedade racista, é marcada por preconceitos e estereótipos.
- Alienação: ocorre quando uma pessoa passa a rejeitar aspectos de sua própria identidade para corresponder às expectativas de uma sociedade que a inferioriza.

Frantz Fanon e a violência

- Um elemento fundamental da teoria de Fanon é a violência, que perpassa as noções de revolução e cultura. Não existe uma luta anticolonial efetiva sem a luta armada. **O projeto colonial não passa de uma ocupação militar.**
- **A colonização deve ser compreendida historicamente, como um encontro de duas forças antagônicas que terá como consequência relações violentas**. Portanto, somente existem colonos e colonizados, a luta anti-colonial deve dar espaço para a ascensão de “homem novo”. A violência aparece como estratégia e método de emancipação.

Frantz Fanon e a lumpem proletariado

- **Nesse sentido, na teoria de Fanon, o processo de descolonização deve ser anticapitalista**. Ela só pode ser encaminhada por aqueles que estão no limite das contradições. Que sofrem com os métodos mais violentos de opressão.
- Assim, refletindo sociologicamente sobre os papéis das classes sociais da Argélia, Frantz Fanon **apontou para os limites da classe operária da colônia. Grande parte dos membros dos sindicatos se beneficiava da ordem social implantada pela metrópole**, ajudando a reproduzir os projetos coloniais.
- Subvertendo grande parte da teoria marxista, **Fanon acredita que é o campesinato que fará a revolução**, pois era o grupo mais oprimido e que estava completamente alienado das disputas de poder.

Burguesia sundesenvolvida

- Para um segundo momento do processo revolucionário, vemos Fanon realizando análises acerca dos limites que uma burguesia de um país subdesenvolvido impõe na constituição de uma nação livre. Da acusação que o autor parte, denominando a burguesia de subdesenvolvida e narcisista, pronta para simplesmente substituir a burguesia metropolitana, segue a indicação de que ela deveria realizar um suicídio de classe (Fanon, 1979, p. 124-125). Para o autor, esta burguesia serve apenas como correia de transmissão para o capitalismo em uma fase posterior, identificada como neocolonialismo.

Frantz e o retorno à cultura africana.

- Na dimensão cultural, era importante questionar todo aparato de discursos que legitimavam as relações coloniais. **O retorno às culturas africanas deveria servir instrumentalmente como organizador de uma consciência anticolonial.**
- O papel das lideranças era a de impulsionar esse processo. **Aqueles perseguidos nos meios urbanos deveriam compreender a situação dos mais oprimidos e iniciar o processo de mobilização.**
- Para Fanon, o racismo vai além da violência armada ou campo de concentração, há um conjunto de **práticas do cotidiano psico-afetivas e econômicas que tem mesmo peso na construção de uma hierarquia** entre colonos e colonizados a partir da raça.

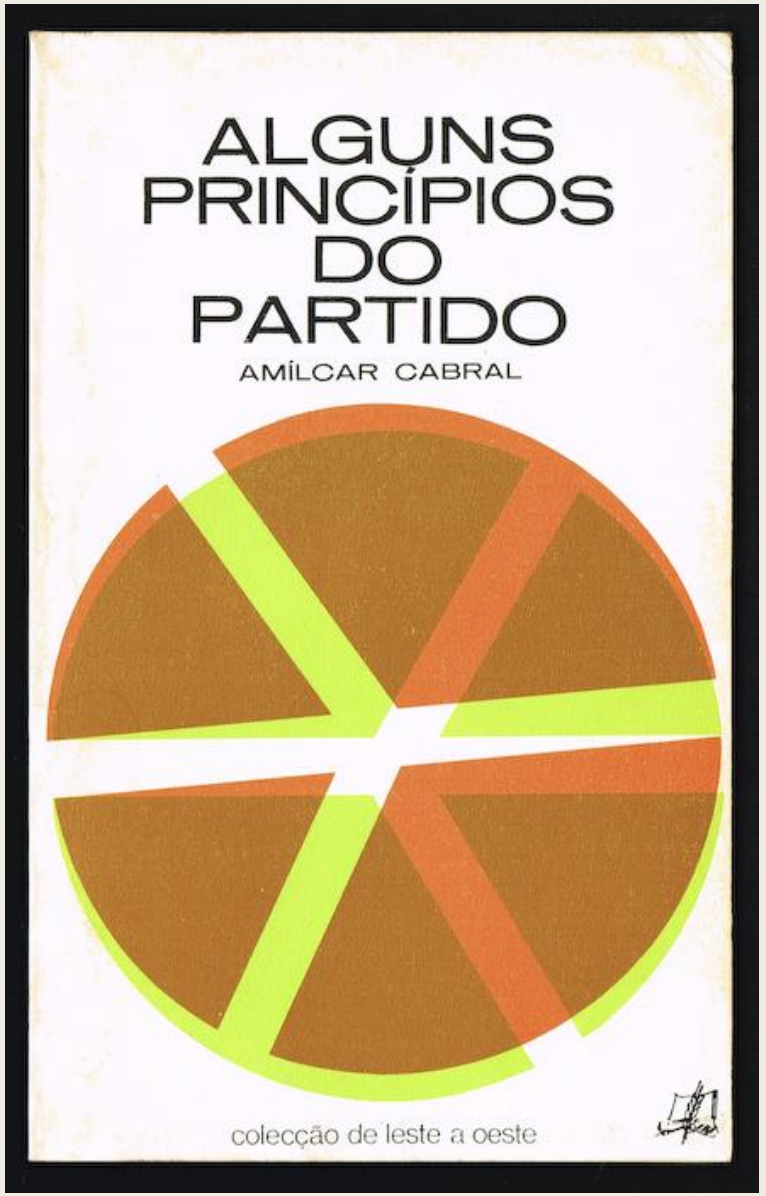


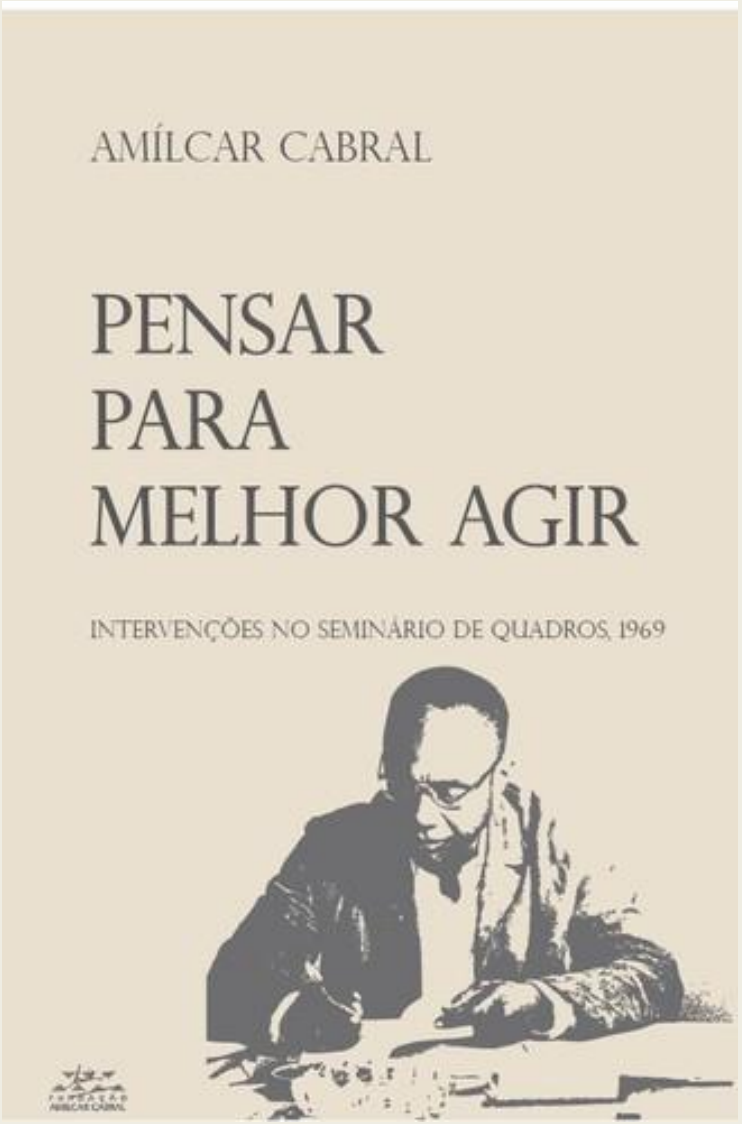
Amílcar Cabral

- Nasceu a 12 de setembro de 1924 em Bafatá Guiné-Bissau. Amilcar Cabral é ainda estudante do liceu em São Vicente (ilhas de Cabo Verde) , quando **começa a afirmar o seu comportamento de ruptura com a política assimilacionista praticada pelo governo colonial português.**
- Após a sua chegada a Lisboa em 1945, data em que inicia os estudos universitários **no Instituto Superior de Agronomia**, manifesta uma grande preocupação em integrar-se nas correntes de pensamento político e cultural que então agitavam o mundo.
- Traduz essa preocupação **participando na campanha pela paz, nos movimentos da juventude progressista e sobretudo no lançamento das bases para a conscientização** dos estudantes africanos.

Construindo uma revolução

- A partir de sua carreira de agrônomo**, fez um levantamento geográfico de seu país, tendo em mente a construção de conhecimento voltado para a mobilização anticolonial.** Para iniciar o processo revolucionário, Cabral se engaja no conhecimento de cada formação tribal.
- Amílcar Cabral compartilha com a ideia de que uma revolução comunista poderia levar a construção de uma sociedade sem classes, entretanto as características das colônias, com maiorias de camponeses, deveria ser levado em consideração. **A luta de classes sempre foi o motor da história, mas no caso do continente africano, era necessário adequar a teoria marxista para a diversidade de realidades.**


ALGUNS
PRINCÍPIOS
DO
PARTIDO
AMÍLCAR CABRAL
colecção de leste a oeste


AMÍLCAR CABRAL
PENSAR
PARA
MELHOR AGIR
INTERVENÇÕES NO SEMINÁRIO DE QUADROS, 1969

Amílcar Cabral

- **Vemos, portanto, que nossos povos têm suas próprias histórias, qualquer que sejam os estágios de seu desenvolvimento econômico.** Quando eles foram submetidos ao domínio imperialista o processo histórico de cada um dos nossos povos [...] foi sujeitado a uma ação violenta de um fator externo. Esta ação [...] não poderia deixar de influenciar os processos de desenvolvimento das forças produtivas nos nossos países e a estrutura social dos nossos povos, assim como a forma e conteúdo da luta de libertação nacional (Cabral , 1979)

Amílcar Cabral e o neocolonialismo

- Cabral afirma que não há diferença entre situação colonial e neocolonial. As duas interrompem a capacidade de um povo encaminhar o seu próprio processo histórico.
- O pensador revolucionário também acredita que o imperialismo é o último estágio do capitalismo. A opção para a emancipação deve vir através do socialismo.

Cabral e a importância da cultura.

- “A contestação cultural do domínio colonial – fase primária do movimento de libertação – **só pode ser encarada eficazmente com base na cultura das massas trabalhadoras dos campos e das cidades, incluindo ‘pequena burguesia’ nacionalista (revolucionária), reafricanizada** ou disponível para a reconversão cultural.” (Cabral)
- Entretanto a **reafricanização, em um contexto revolucionário, dever ter como base a democracia**. Qualquer elemento cultural que comprometa uma ordem essencialmente democrática deve ser removido.

Imperialismo e econômico

- **Imperialismo:** “(...) a expressão mundial do lucro e da crescente acumulação dos valores excedentes pelo capital financeiro monopolista, em duas regiões do mundo: primeiro na Europa e, depois, na América do Norte” (Cabral, 1979, p. 127). Segundo Cabral, o imperialismo, sendo de fato o último estágio do capitalismo, foi uma necessidade histórica assim como a libertação dos povos e o advento do socialismo era a necessidade daquele presente (Cabral, 1979, p. 127).
- Como o imperialismo é a forma contra a qual a luta de libertação irá se confrontar, seria importante demonstrar as suas formas de dominação. Cabral indica duas: a dominação direta, se dando através de um poder político (com aparato militar, judicial etc.) estrangeiro ao povo dominado, chamado de colonialismo clássico ou simplesmente **colonialismo;** e a dominação indireta, sendo esta através de um poder político feito parcial ou completamente por agentes nativos, denominada de **neocolonialismo.**

Luta contra as burguesias

- Se, no caso colonial, a luta da classe nacional contra forças repressivas da burguesia colonizadora pode levar a uma revolução nacional, em que a nação adota a estrutura econômica de sua preferência, no caso neocolonial a classe trabalhadora e seus aliados combateriam simultaneamente, portanto, a burguesia imperialista e a classe dominante nativa. **Aqui, não é possível uma solução nacionalista, é necessária a destruição do sistema capitalista e a implantação do socialismo. Sendo a solução socialista dependente somente do grau de consciência revolucionária daqueles que lideram a luta.**

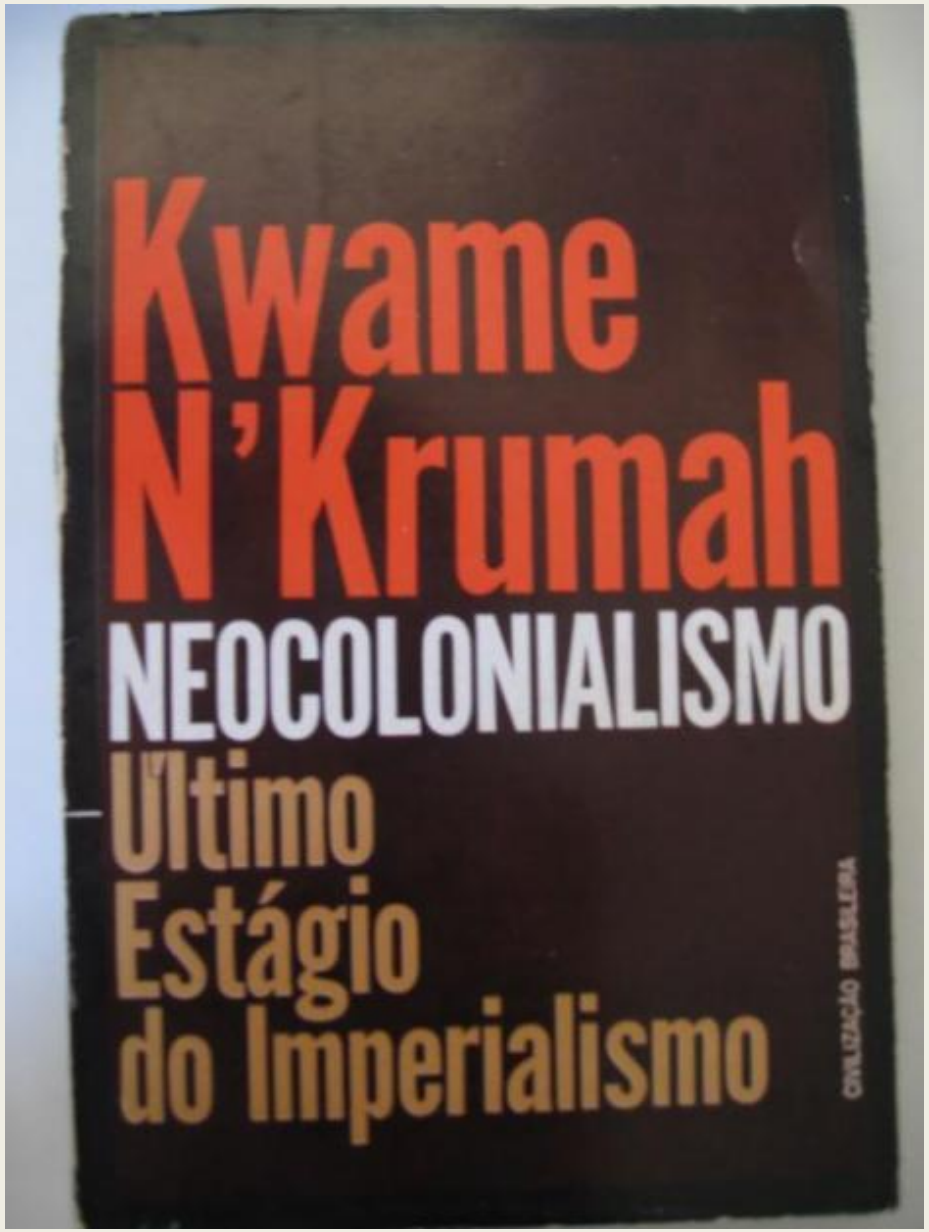
Coesão e libertação

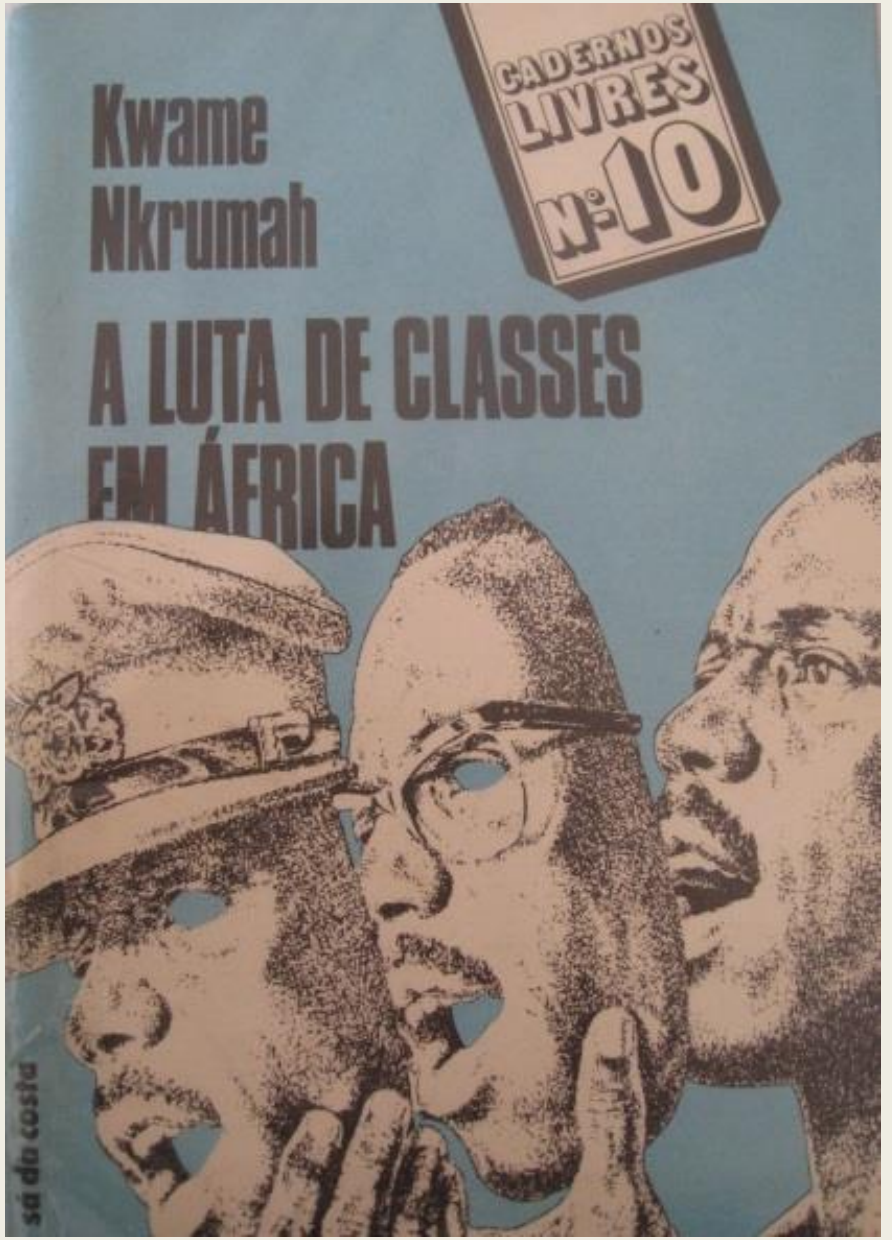
- No momento em que processo revolucionário coloca todas as suas exigências, e o povo a corresponde, armado em conjunto com as outras forças progressistas, muitos problemas surgem e exigem ser resolvidos: **unidade política, uso eficaz de armas modernas e outros meios de guerra, redução da mentalidade tribal, recusa de regras e tabus sociais e religiosos (gerontocracia, nepotismo, inferioridade social da mulher). É aqui que a luta de libertação nacional mostra-se como "uma verdadeira marcha forçada no caminho do progresso cultural"**, pois, no momento em que estas questões são colocadas, conjuntamente há a prática da democracia, da crítica e autocrítica, a alfabetização e mesmo a assistência sanitária.

Kwame Nkrumah



- Kwame Kkrumah nasceu em 1909 em Nkroful, Costa do Ouro, filho da Senhora Nyaniba. **Formou-se pela prestigiosa Achimota School em Accra, em 1930, estudou em um seminário católico e lecionou numa escola católica em Axim.** Em 1935 partiu de Gana para os Estados Unidos, bacharelando-se na Universidade Lincoln, Pennsylvania, em 1939, onde ingressou na Fraternidade Phi Beta Sigma, Inc.


Kwame
N'Krumah
NEOCOLONIALISMO
Último
Estágio
do Imperialismo
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA


CADERNOS
LIVRES
Nº 10
Kwame
Nkrumah
A LUTA DE CLASSES
EM ÁFRICA

Nkrumah e o concienticismo

- Baseia-se na ideia segunda a qual a ação política presente devia seguir **as orientações gerais das sociedades tradicionais, que eram igualitárias e de tipo comunitário,** sendo os meios de produção coletivos e a propriedade privada, inexistente.
- Então, a luta de classes, no seu entender, não era ainda um elemento essencial para a revolução africana. **As lógicas das tradições africanas já davam conta de problemas que o marxismo e as lutas de classes pretendiam resolver.**

Rumo ao neocolonialismo

- Após perceber as dificuldades de nações politicamente soberanas de encaminharem suas revoluções sociais, Kwame Nkrumah acaba abandonando o conceito de concienticismo. **A partir da própria experiência com o golpe em Gana, percebeu havia uma luta de classes em uma dimensão internacional** que influenciava as sociedades africanas.
- Também identificava o imperialismo como o último estágio do capitalismo. Enquanto na Europa Ocidental os países passavam pela construção do **Estado de Bem Estar Social**, as relações desiguais no sistema internacional empobreciam cada vez mais os países africanos.

Neocolonialismo

- **O estado que detêm o controle neocolonial é, muitas vezes, a antiga metrópole que já exercia a exploração anteriormente, porém isto não é unanimidade**, uma vez que o país independente pode ser controlado por um outro Estado, ou ainda por uma coalizão de interesses econômicos e financeiros compostos por corporações.
- **O processo de balcanização do território africano será o principal alicerce de edificação e sustentação do neocolonialismo.** Esse processo consistia em dispersar os territórios coloniais que se encontravam previamente coligados, desagregando-os em numerosos pequenos Estados que, pelo mais diferentes motivos, seriam incapazes de se desenvolverem independentemente.

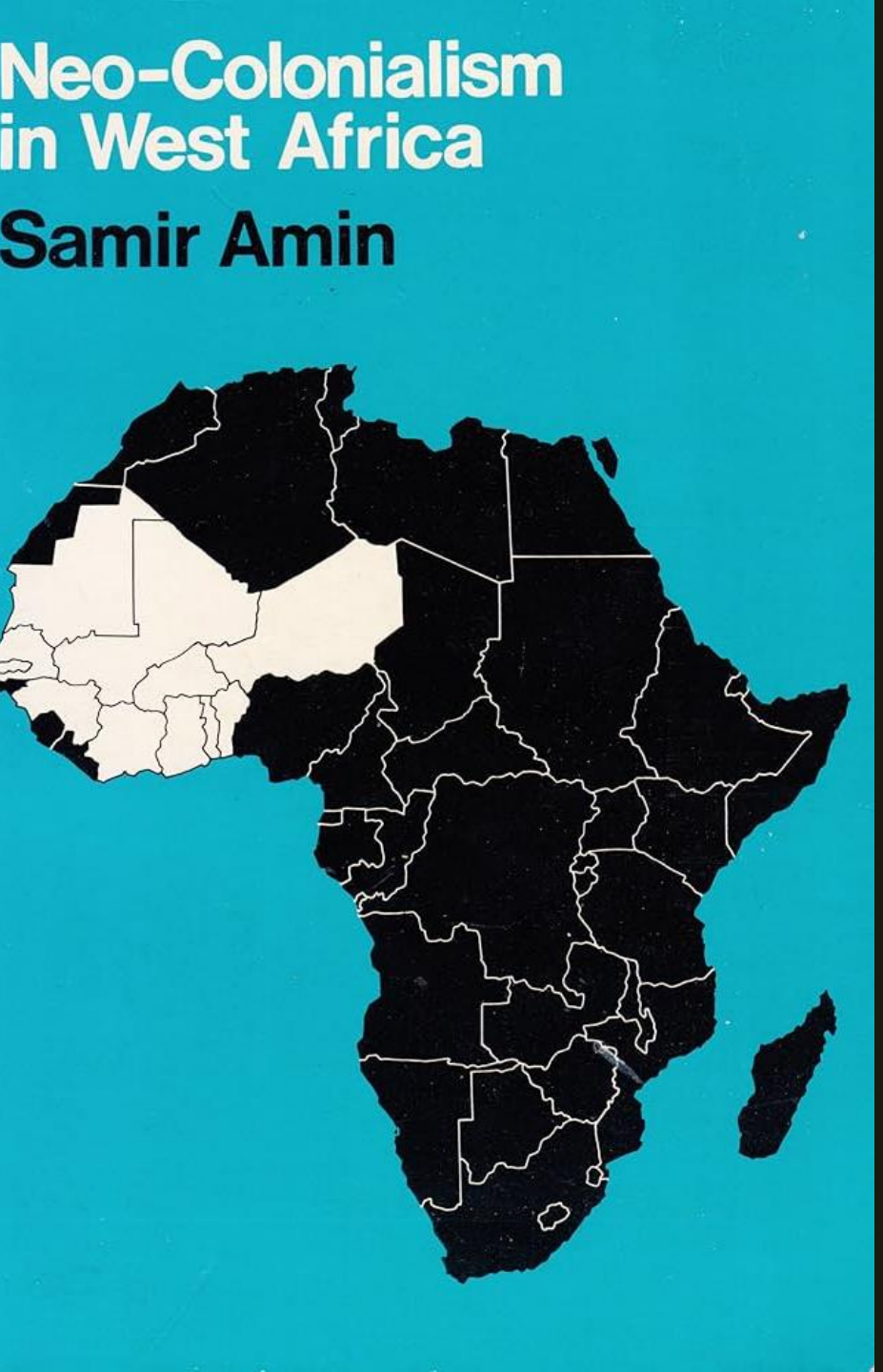
Neocolonialismo

- Embora o objetivos dos neocolonialistas seja o domínio econômico, não limitam suas operações à esfera econômica. **Utilizam os velhos métodos colonialistas de infiltração religiosa, educacional e cul**tural.
- Por exemplo, nos Estados independentes, **muitos professores expatriados e embaixadores culturais influenciam as mentes dos jovens contra o próprio país e o povo.**
- Fazem isso solapando a confiança no Governo nacional e no sistema social, através da exaltação de sua noções próprias de como um Estado ser administrado e esquecem de que não há monopólio sobre o saber político. (Nkrumah)



Samir Amin

- Samir Amin, um economista e teórico social de origem egípcia, é uma figura central no pensamento pós-colonial e, mais amplamente, nos estudos de dependência e desenvolvimento. Seu trabalho se destaca por sua análise crítica do sistema capitalista global e sua relação com a desigualdade estrutural entre o Norte e o Sul globais, ou entre os países centrais (desenvolvidos) e periféricos (em desenvolvimento). Diferente de outros pensadores pós-coloniais que focam nas questões culturais e identitárias, Amin concentra-se nas dimensões econômicas e estruturais do pós-colonialismo, investigando como o capitalismo perpetua um neocolonialismo econômico que mantém muitos países do Sul global em situações de dependência e subordinação econômica.



Samir Amin

- Em suas teorias de "desconexão" (ou “delinking”), Samir Amin propõe que os países do Sul global considerem romper com o sistema econômico global, que ele vê como fundamentalmente desigual. Ele defende que esses países busquem vias alternativas de desenvolvimento, menos dependentes das economias do Norte e voltadas para a satisfação das necessidades internas, em vez de seguir a lógica de exportação e crescimento ditada pelo capitalismo global. Para ele, apenas essa autonomia econômica possibilitaria uma verdadeira emancipação pós-colonial e a criação de um sistema internacional mais justo e equilibrado.
- Além disso, Amin analisa o impacto ideológico do colonialismo, que ele considera responsável por implantar uma mentalidade de inferioridade nos países periféricos, ao ponto de as elites locais internalizarem os valores e prioridades das economias centrais, promovendo políticas que frequentemente desfavorecem a população local. Ele identifica esse fenômeno como parte do que chama de "eurocentrismo", uma visão de mundo que naturaliza e universaliza o modelo ocidental de progresso, como se ele fosse o único caminho legítimo de desenvolvimento.
- A contribuição de Samir Amin para o pensamento pós-colonial é valiosa por expandir o campo para além das discussões culturais e identitárias, integrando uma visão econômica e estrutural que revela como o colonialismo persiste nas relações econômicas globais. Para Amin, a superação do colonialismo exige não apenas uma transformação nas políticas e instituições locais, mas uma reconfiguração profunda do sistema econômico global para possibilitar um desenvolvimento mais justo, autônomo e menos dependente.

Aspectos do pensamento de Amin

- Teoria da dependência e do sistema mundial: os países não se desenvolvem isoladamente; suas economias estão integradas em uma estrutura internacional desigual.
- Centro e periferia: os países centrais concentram capital, tecnologia e poder econômico, enquanto os periféricos tendem a ocupar posições subordinadas na economia global.
- Desenvolvimento desigual: o capitalismo produz riqueza e modernização em algumas regiões, mas também reproduz pobreza, dependência e desigualdade em outras.
- Acumulação em escala mundial: a acumulação de capital ultrapassa as fronteiras nacionais e favorece determinados grupos e países em detrimento de outros.
- Desconexão (delinking): Amin defende que os países periféricos devem priorizar suas próprias necessidades sociais e econômicas, em vez de simplesmente se adaptar às exigências do mercado mundial.



Paulin Hountondji

- Paulin Hountondji (nascido em 11 de abril de 1942, na Costa do Marfim, radicado em Benin) é um filósofo, político e acadêmico. Desde a década de 1970, tem ensinado na Universidade Nacional do Benim, onde é Professor de Filosofia. No início da década de 1990, ocupou brevemente a função de Ministro da Educação e da Cultura no governo do Benin.

Paulin Hountondji

- Paulin Hountondji argumenta contra a concepção de "filosofia africana" como um corpo fixo de crenças tradicionais coletivas e, em vez disso, defende uma filosofia crítica e pluralista que permite um engajamento mais profundo com questões universais e metodológicas.
- Hountondji critica a tendência de tratar a **filosofia africana como um objeto de estudo estático, explorado por acadêmicos ocidentais sob uma perspectiva antropológica.** Ele propõe o conceito de "extraversion" intelectual, que descreve a dependência da produção de conhecimento africano de modelos e demandas externas, principalmente ocidentais. Para ele, essa dinâmica impede a formulação de questões originais e mantém a produção acadêmica sob influência de hegemonias externas. Hountondji argumenta que a emancipação acadêmica e filosófica da África depende da autonomia material e política, ligando a crítica intelectual à prática política concreta

Valentin Mudimbe

- Valentin-Yves Mudimbe (nascido em 1941, no Congo) é um filósofo congolês, professor e escritor. Tem se ocupado com os estudos das forças que impactaram sobre a história do continente africano



Representações da África em Mudimbe

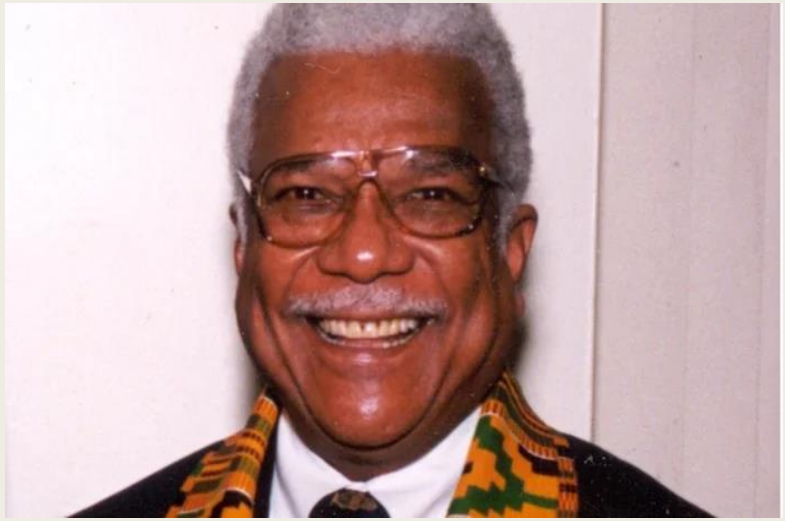
- **As representações do que seria a "África", construídas a partir de categorias eminentemente etnocêntricas, teriam interferido de tal modo na compreensão das realidades concretas do continente que acabaram por orientar** a concepção e a ação não apenas de atores externos que lá estiveram, mas dos próprios africanos, que "leem, desafiam e reescrevem estes discursos como forma de explicar e definir a sua cultura, a sua história e a sua existência" (MUDIMBE, 2013a, p. 12, tradução nossa)

Culturas africanas dinâmicas

- As controvérsias suscitadas pelas interpretações apontadas acima o levaram a ampliar o seu espectro analítico, de onde a publicação em 1994 do livro A ideia de África, que, desde o prefácio, Mudimbe apresenta como continuação da anterior.
- A ênfase, nesse caso, está mais na arqueologia dos discursos ocidentais, desde a visão especular que orientou o olhar dos europeus aos fetiches africanos na constituição da ideia do “selvagem” no Iluminismo, e do “exótico” e do “primitivo” no período colonial; nas implicações dos paradigmas explicativos do relativismo cultural (MELVILLE HERKOVITS), da mestiçagem (JEAN-LOUP AMSELLE) e da anterioridade africana para contrabalançar a hegemonia do pensamento grego (MARTIN BERNAL).
- E também a maneira pela qual os especialistas em arte e em literatura determinaram, pela negação ou pela assimilação estética, a ideia do que seria uma arte e uma literatura africana autêntica (MUDIMBE, 2013b).

Ali Mazrui

- Ali A. Mazrui (1933–2014) foi um cientista político, historiador e intelectual queniano, reconhecido por suas reflexões sobre a identidade africana, o colonialismo, a cultura e as relações de poder no mundo.
- Seu pensamento procura explicar como a história colonial, as influências culturais externas e as estruturas políticas internacionais moldaram as sociedades africanas.
- A ideia central de Mazrui é que a África deve ser compreendida a partir de sua própria história e diversidade cultural, sem ignorar as influências externas que transformaram o continente.
- Ele destaca a interação entre três grandes influências históricas na formação da África moderna:
- Tradições africanas: os valores, as línguas, as instituições e as culturas dos diferentes povos africanos.
- Influência islâmica: a contribuição do islamismo para a religião, a educação, o comércio e a organização social e política de várias regiões africanas.
- Influência ocidental: os efeitos do colonialismo europeu, do cristianismo, das instituições políticas ocidentais e da modernização.
- Essas influências não atuam de forma isolada: elas se combinam, entram em conflito e produzem identidades africanas complexas.



CODESRIA (conselho para o desenvolvimento de pesquisas em ciências sociais em África)

- A CODESRIA (Council for the Development of Social Science Research in Africa), ou Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África, é uma organização fundamental para o desenvolvimento e fortalecimento da pesquisa acadêmica e das ciências sociais no continente africano. Fundada em 1973, com sede em Dakar, Senegal, a CODESRIA tem como missão promover a produção e a disseminação de conhecimentos que abordem as realidades africanas e ofereçam perspectivas próprias, além de estimular a colaboração entre pesquisadores africanos. Sua importância reside na capacidade de fortalecer a pesquisa autônoma, questionando paradigmas eurocêntricos e contribuindo para a criação de uma narrativa que reflete a pluralidade e a complexidade das experiências africanas.
- A CODESRIA desempenha um papel crucial ao incentivar a independência acadêmica e intelectual, criando oportunidades para que os acadêmicos africanos realizem pesquisas sobre temas locais, de maneira a contestar a hegemonia do conhecimento produzido no Norte global. Isso permite que as ciências sociais africanas se desenvolvam de maneira independente, fornecendo respostas mais contextualizadas para os problemas locais e criando alternativas ao conhecimento global tradicional, que muitas vezes desconsidera as particularidades culturais, sociais e históricas dos países africanos.



Estrutura da CODESRIA

- Outro aspecto importante é o papel da CODESRIA no apoio ao pensamento pós-colonial e na construção de uma identidade acadêmica africana. A organização oferece bolsas de estudo, programas de formação e oportunidades de publicação para acadêmicos em início de carreira, o que é crucial para o desenvolvimento de uma nova geração de pesquisadores comprometidos com a transformação social e econômica da África. A CODESRIA também fomenta a pesquisa colaborativa entre acadêmicos africanos e da diáspora, promovendo uma rede sólida de intercâmbio e cooperação entre os países africanos, algo essencial para fortalecer as instituições e o capital humano do continente.
- Além disso, a CODESRIA busca promover um espaço intelectual onde se possam discutir temas como o **desenvolvimento sustentável, a democracia, os direitos humanos e a justiça social, questões que são de extrema relevância para o futuro do continente africano.** Por meio de conferências, publicações, e eventos acadêmicos, a organização oferece um fórum para o debate e a análise de temas políticos e sociais urgentes, reunindo vozes e perspectivas diversas para enfrentar os desafios contemporâneos da África.

Christine Obbo



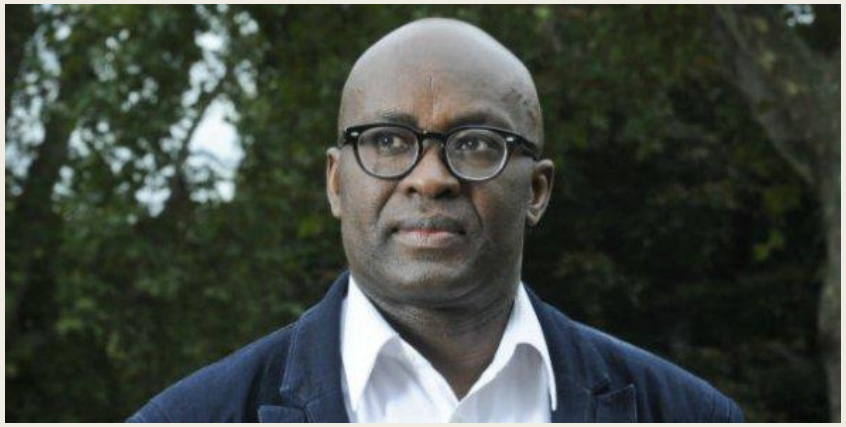
- Veterana antropóloga ugandense, com contribuição teórica importante para o desenvolvimento das Ciências Sociais na África oriental. **Deu início ao ensino superior na *Universiy of Makerere*, completando os estudos na *University of Wisconsin*, com passagem por outros estabelecimentos universitários norte-amerianos** com bolsa da Fundação Rockefeller, completando os estudos pós-graduados em 1977. Como professora, lecionou no *Wheaton College* e na *Wayne State Univesity*.
- Como pesquisadora, dedicou atenção especial a etnografia de Uganda, com estudos sobre as comunidades aldeãs de Buganda e ao estudo da condição das mulheres ugandenses migrantes para centros urbanos. Mais recentemente tem estudado de modo aprofundado aspectos sociais e culturais vinculados à disseminação da epidemia de HIV/AIDS e as políticas públicas concernentes.
- Como eixo estruturante de pesquisa, Christine Obbo estudou as estruturas patriarcais que condicionam posição subalterna da mulher na sociedade, bem como alternativas de inserção social sobretudo em relação às mulheres viúvas. Em 1980, escreveu o livro *African woman; their struggle for economic independence* (A mulher africana: sua luta pela independência econômica), em que fornece um amplo quadro analítico das aspirações e problemas das mulheres, em particular das migrantes.
- A partir de 1998 integrou a equipe internacional do *Council for the Development of Social Science Research in Africa* – CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento das Ciências Sociais na África), com participação em projetos internacionais de pesquisa, colóquios e seminários internacionais voltados para o debate sobre a criação de redes intelectuais e estrutura médica em interface com as agências internacionais que se dedicam ao problema da disseminação da epidemia do HIV/AIDS no continente.

oyěwùmí oyèrónkẹ́

- A principal contribuição de Oyěwùmí é questionar a ideia de que as categorias de “homem” e “mulher”, tal como construídas no pensamento ocidental, podem ser aplicadas a todas as sociedades e épocas históricas.
- A autora estuda particularmente a sociedade iorubá, da região que hoje corresponde ao sudoeste da Nigéria. Sua tese é que, nessa sociedade antes da colonização europeia, o sexo biológico não organizava necessariamente todas as relações sociais e hierarquias da mesma maneira que no Ocidente.
- Em sua interpretação, a senioridade — a posição relativa de uma pessoa conforme a idade e as relações sociais — tinha um papel fundamental na organização da autoridade e do status
- A principal contribuição de Oyěwùmí é questionar a ideia de que as categorias de “homem” e “mulher”, tal como construídas no pensamento ocidental, podem ser aplicadas a todas as sociedades e épocas históricas.
- A autora estuda particularmente a sociedade iorubá, da região que hoje corresponde ao sudoeste da Nigéria. Sua tese é que, nessa sociedade antes da colonização europeia, o sexo biológico não organizava necessariamente todas as relações sociais e hierarquias da mesma maneira que no Ocidente.
- Em sua interpretação, a senioridade — a posição relativa de uma pessoa conforme a idade e as relações sociais — tinha um papel fundamental na organização da autoridade e do status
- A principal contribuição de Oyěwùmí é questionar a ideia de que as categorias de “homem” e “mulher”, tal como construídas no pensamento ocidental, podem ser aplicadas a todas as sociedades e épocas históricas.
- A autora estuda particularmente a sociedade iorubá, da região que hoje corresponde ao sudoeste da Nigéria. Sua tese é que, nessa sociedade antes da colonização europeia, o sexo biológico não organizava necessariamente todas as relações sociais e hierarquias da mesma maneira que no Ocidente.
- Em sua interpretação, a senioridade — a posição relativa de uma pessoa conforme a idade e as relações sociais — tinha um papel fundamental na organização da autoridade e do status



Achile Mbembe



- **Achille Mbembe** é uma referência académica no estudo do pós-colonialismo, um teórico erudito e pensador das grandes questões da história e da política africana – apesar de, ele próprio, não se definir como “teórico do pós-colonialismo”. Nascido nos Camarões em 1957, Mbembe é professor de História e Ciência Política na Universidade *Duke* (Virgínia, Estados Unidos) e na Universidade *Witswatervand*(Joanesburgo, África do Sul), além de investigador no *Wits Institute for Social and Economic Research*(WISER) desta mesma Universidade.
-

Mbembe e o pós-colonial

- Durante algum tempo, **Mbembe mostrou-se mesmo reticente em relação ao rótulo que lhe atribuíam de autor vinculado ao pós-colonialismo**. Cientista político, interessa-lhe averiguar em profundidade a natureza do poder nas sociedades africanas, e nesse caso os conceitos clássicos de Estado-nação, instituições políticas e participação não lhe servem, tanto quanto pouco lhe serviria reduzir o ângulo da análise aos enunciados discursivos.
- Parte de seus argumentos reside na ideia que as sociedades africanas do período posterior às emancipações não teriam saído plenamente da condição colonial.
- **Daí o conceito de póscolônia, empregado para descrever a experiência visceral de sociedades vivendo em regimes de dominação marcados pela violência extrema, engendrada no período da colonização**. Como tal, caracteriza-se como uma "pluralidade caótica", mas dotada de coerência interna, com sistemas de signos particulares e maneiras específicas de fabricar simulacros, reconstruir estereótipos e expropriar os sujeitos de suas identidades (MBEMBE, 2001a, p. 25-64).
- A póscolônia seria, em sua definição, um tipo de "poder bruto" partilhado por aqueles que detêm o monopólio sobre a vida e a morte, e o sistema de signos pelos quais esse poder se imagina.

Necropolítica

- **As instâncias da biopolítica, entendidas por Foucault como meios de exercer o poder na modernidade, visando o bem-estar da população e a submissão corporal e sanitária dos cidadãos, são levadas ao extremo e servem de referência para o desenvolvimento e aplicação do conceito radical e transgressor de necropolítica** – empregado para nomear regimes de governamentalidade em que a soberania é definida pela capacidade de decidir quem deve viver e quem deve morrer.
- Mbembe explora as relações profundas entre razão, modernidade e terror em estados orientados por uma "política da morte", onde as formas de imposição de poder passam a ser uma finalidade em si e a vida das populações transcorre em zonas de conflito permanente, como ocorreu no regime do Apartheid da África do Sul ou na Palestina. Aqui prevalecem formas de controle e alto grau de militarização com a finalidade de dominar territórios ou populações inteiras, numa verdadeira institucionalização do "estado de sítio"

Dificuldades para transcender o colonialismo

- A partir desta perspectiva, entende-se que a emancipação e a reestruturação social no período posterior à colonização não foram seguidas de mudança social profunda, sendo as marcas residuais do colonialismo dadas pela ambiguidade e monopólio da violência pelos donos do poder; e a rebelião e insurreição permanente contra toda ordem emanada desses poderes estatais, a revanche contra a teocracia estatal de cunho ocidental-cristão, a contra-insurreição em face das lógicas de extração na esfera econômica e as lógicas de racialização no campo social.
- A “zona escura” e os “princípios noturnos”, alheios à clareza e transparência dos referenciais modernos, dominariam a cena na pós- colônia porque, no final das contas, o trabalho da libertação plena ainda não estaria completo, **sendo algo que ocorrerá mediante o gigantesco esforço que Fanon chamava de “passar à outra coisa”**